

Formação e atuação de músicos de rua: possibilidades de atuação e de caminhos formativos

Celson Henrique Sousa Gomes

Escola de Música da UFPa
e-mail: celson@amazon.com.br

Resumo. O texto versa sobre a formação e a atuação dos músicos das ruas de Porto Alegre e faz uma breve exposição de resultados da pesquisa de mestrado concluída em 1998. Com base na metodologia da história oral, revela as diversas possibilidades de atuação e de caminhos formativos. São abordados ainda alguns aspectos levantados pela Prof^a Bellochio, no texto-base desse Fórum, sobre a educação musical no ensino básico, evidenciando, a partir do contexto dos músicos das ruas, a situação atual nos diversos espaços de atuação do educador musical, principalmente nas escolas de ensino básico. Como características dessa situação, destacam-se a dificuldade de acesso à aprendizagem musical na escola e a associação das atividades musicais às atividades de recreação ou eventos escolares, onde prevalece a atuação do unidocente ao invés do especialista na aula de música. O texto sugere ainda a necessidade de estudo e reflexão sobre a formação nos conservatórios e escolas de música.

Palavras-chave: formação musical, história oral, músicos das ruas

Abstract. The following text about the education and performance practices of street musicians in Porto Alegre, Brazil shows, in brief, results from a Master's research project concluded in 1998. Based largely on first-hand oral accounts, it reveals a diversity of educational methods as well as performance possibilities in practice. Also taken into account are issues raised by Prof. Bellochio about elementary music education from the perspective of the street musician, such as the difficulty of access to music education, the association of musical activities with recreation and other school events and the role of the music educator in non-traditional situations principally at the elementary level where, because single teacher classrooms are the norm, specialists in music are not conducting the lesson. The author suggests a closer look at how musicians are trained in conservatories and school of music.

Keywords: musical training, oral accounts, street musicians

A partir da sugestão apontada por Bellochio no texto-base desse Fórum, farei uma breve exposição de resultados de minha pesquisa de mestrado, concluída em 1998, sobre a formação e atuação musical de músicos das ruas (Gomes, 1998). Apresento esses resultados aos educado-

res musicais como outras possibilidades de atuação e de caminhos formativos, diferentes daqueles já conhecidos pela academia. Abordo ainda alguns aspectos levantados no texto de Bellochio sobre a formação e o ensino básico.

A pesquisa versa sobre a formação e atuação dos músicos das ruas de Porto Alegre, com base na metodologia da história oral. Através de relatos de vida, evidencia-se o contexto de formação de dezessete músicos, suas maneiras de aprender música, bem como suas próprias concepções de formação, buscando compreender os modos de atuação musical nas ruas e refletir sobre as implicações e aspectos socioeconômicos que os envolvem.

Após os depoimentos iniciais desses músicos, ficou evidente que a aprendizagem musical seria um ponto, e não o único ponto que eles abordariam em suas falas, mostrando-se a formação musical inserida em um contexto mais amplo, tal como na concepção alemã de *Bildung* (formação), que, segundo Bolle (1997, p. 17), significa mais que instrução e erudição, pois, formar-se, nesse sentido, é algo que “exige independência, liberdade, autonomia e se efetua como um autodesenvolver-se”.

Alguns músicos ao falarem sobre sua própria habilidade musical, justificaram-na como sendo um dom ou vocação. Tal concepção aparece associada às questões de envolvimento e trabalho necessários para o desenvolvimento do dom, ou seja, à busca de caminhos formativos. Ao considerar sua musicalidade como um dom, talento nato ou herança de gerações passadas, a maioria dos músicos teve um ambiente favorável ao aprendizado, cresceu ouvindo música e vendo outras pessoas tocarem. Tiveram acesso livre¹ ao instrumento, demonstraram desejo em tocar ao ouvir um parente ou um amigo tocar, e obtiveram atenção ou estímulo externo em suas primeiras tentativas.

A partir dos relatos de vida, constatei que a maioria dos músicos não tinha freqüentado escolas de música ou aulas com um professor particular de música. No entanto, o meio de convivência desses músicos, desde criança até a idade adulta, foi fator primordial para o aprendizado e desenvolvimento de suas habilidades musicais, como tocar um instrumento, cantar ou compor música. Uma formação que, apesar de dizerem ser individual e sem professor (“aprendi sozinho”), aparece ligada à convivência social, às oportunidades e às motivações encontradas em seu meio.

A formação do indivíduo é sempre um processo educativo,

mesmo quando essa educação se realiza de forma espontânea, isto é, quando não há uma relação consciente (tanto da parte de quem se educa, quanto de parte de quem age como mediador) com o processo educativo que está se efetivando no interior de uma determinada prática social (Duarte, 1993, p. 47).

Ao se considerar que a aprendizagem depende das oportunidades vividas no meio de pessoas, um outro enfoque a ser dado à formação é o histórico-social. Conforme Duarte (1993), é dessa forma que se dá o processo de formação dos indivíduos. No caso dos músicos, isso pode ser verificado no próprio aprendizado do instrumento e do repertório, que não foi aleatório, mas fez parte da história de vida do músico e de suas oportunidades em determinado contexto social.

Sobre as oportunidades de formação musical na escola, evidenciei algumas dificuldades que foram relatadas pelos músicos. Alguns deles, que estudaram em escolas públicas, não concluíram o primeiro grau. Excetuando os cegos que estudaram no Instituto Santa Luzia em Porto Alegre e alguns estrangeiros da América Latina que obtiveram aulas de música folclórica em seus países, os outros músicos revelaram a ausência de aulas de música nessas escolas. Nesse contexto, para a maioria dos músicos, a *performance* musical vinha associada às festividades da própria escola, não havendo um ensino específico de instrumentos.

Para os músicos que obtiveram aulas de música, estas estavam aquém de suas expectativas. Os deficientes visuais, sabendo da existência de um método que privilegia o aprendizado da leitura musical em braille², denunciaram a falta de professores especializados nesse tipo de ensino. Um desses músicos cegos evidenciou isso ao matricular-se em uma escola particular de teclado no centro de Porto Alegre e, depois de um mês, foi obrigado a desistir por motivos financeiros e ainda porque a escola não atendera suas expectativas.

Segundo o depoimento de um músico que teve uma formação acadêmica, em nenhum momento de sua aprendizagem houve intenção de mostrar as possibilidades de atuação musical nas ruas, tanto em relação à escolha de repertório quan-

1 Livre porque, muitas vezes, os instrumentos estavam no canto da casa, ou porque aprenderam escondidos, sem interferência de adultos.

2 Nessa perspectiva, cito o livro *Anotações Musicais em Braille* do Congresso Internacional em Paris, em abril de 1929, publicado pela Imprensa Braille, São Paulo.

to a questões técnicas de como tocar nesses espaços, demonstrando haver uma certa distância entre essas aulas e suas expectativas como músico profissional. Ele acredita, também, que o estímulo de aprendizagem no instrumento está relacionado com a escolha de repertório, bem como com outros fatores, tais como a inserção de novas tecnologias, ausentes das escolas específicas de música que freqüentou.

Temos, aqui, uma pequena mostra do quadro levantado na pesquisa sobre os músicos que atuam nas ruas, que, acredito, pode revelar a situação atual nos diversos contextos de atuação do educador musical, sobretudo nas escolas de ensino básico. A partir das constatações da pesquisa, envolvendo aspectos sócio-educacionais que, também, se relacionam à prática do educador musical e à sua formação, verificou-se que:

- 1) houve dificuldades de acesso à aprendizagem musical na escola;
- 2) a educação musical para portadores de deficiências era inexistente;
- 3) a aquisição de instrumentos e equipamentos dificultou o desenvolvimento de habilidades;
- 4) quando existiu a atividade musical na escola, de modo geral, estava associada à atividades de recreação ou festividades e eventos escolares, prevalecendo a atuação do unidocente ao invés do especialista na aula de música;
- 5) quando houve oportunidade de aprendizagem musical na escola específica de música, as aulas não corresponderam às expectativas de formação.

Para o educador musical é crescente o desafio de superar tantas dificuldades, entre elas a de qualificação profissional. Em nosso país especializar-se em música é privilégio de poucos diante do quadro de nossas universidades públicas federais, onde não há previsão de vagas para professores efetivos e onde as vagas para professores substitutos estão sendo cortadas. O quadro se agrava na região Norte, onde, além das distâncias, somam-se as dificuldades de acesso. Nesse aspecto, vale ressaltar as dificuldades de envolvimento dos educadores da região Norte nos encontros regionais da ABEM.

Pela necessidade de qualificação docente, sou favorável à posição da Prof^a. Cláudia Bellochio

quando defende que “a formação de professores seja realizada em cursos de licenciatura envolvidos com trabalhos de ensino, pesquisa e extensão” (ver o artigo de Bellochio, neste número). Porém, essa questão deverá ser discutida e refletida para além das licenciaturas, incluindo as escolas específicas de música.

Algumas universidades brasileiras mantêm suas escolas de música em nível básico e técnico, tais como a UFRN e a UFPa. Em outras, existem projetos de extensão que já trazem possibilidades de envolvimento de seus professores de 3º grau na prática de educação no nível básico.

Por outro lado, temos os conservatórios e escolas de música de nível básico e/ou técnico que ficam à margem das reflexões motivadas pela atividade de pesquisa, mas que também formam o especialista em música, possível candidato às licenciaturas. Nesse sentido, defendo, também, que a formação do educador musical deveria ser refletida pelos conservatórios e escolas de música, à luz das universidades. É compreensível que essas escolas careçam de tempo para reflexões sobre o fazer musical, dada a ênfase no desenvolvimento da habilidade técnica para a execução musical, deixando, muitas vezes, de atender às expectativas de formação de quem as procura, como no caso já apresentado dos músicos das ruas de Porto Alegre.

Acredito que o envolvimento do especialista que reflete sobre as práticas pedagógicas possa evitar o “quadro real que temos em grande parte das escolas brasileiras”, caracterizado por certas “atrocidades” cometidas pelos professores unidocentes “por falta de formação e conhecimentos para conduzir seus trabalhos” (ver o artigo de Bellochio, neste número). A estes últimos, caberia o direito a vagas para formação específica em música, na maioria das vezes, destinadas aos “talentosos”, o que ajudaria a minorar o problema da unidocência.

Defendo essa posição de envolvimento das universidades nas atividades de ensino básico também pelas possibilidades de suscitar pesquisas que apontem rotas “desconhecidas” e não apenas caminhos que direcionem para os aspectos estritamente musicais, desconsiderando-se aspectos socioculturais. De acordo com Lucas (1995, p. 13), “o significado musical é construído culturalmente, em dadas condições contextuais, e ignorá-las pode implicar na projeção de preconceitos e distorções por parte do pesquisador”.

Concluo concordando com Bellochio quanto ao fato de que “não podemos falar de uma concepção única para a formação do professor de educação musical”. Acrescento que se faz necessário superar olhares únicos e petrificados, muitas ve-

zes construídos ao longo da própria formação, a fim de permitir a compreensão sobre os fazeres musicais que envolvem indivíduos que se formam e atuam em sociedade.

Referências

- BOLLE, Willi. A idéia de formação na modernidade. In: GHIRALDELLI JR., Paulo (Org.). *Infância, escola e modernidade*. São Paulo: Cortez/Ed. da Universidade do Paraná, 1997.
- DUARTE, Newton. *A individualidade para-si*. Campinas: Autores Associados, 1993.
- GOMES, Celson. *Formação e atuação de músicos das ruas de Porto Alegre: um estudo a partir dos relatos de vida*. Porto Alegre: 1998. Dissertação (Mestrado em Música)—Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.
- LUCAS, Maria Elizabeth. Etnomusicologia e educação musical: perspectivas de colaboração na pesquisa. *Boletim do NEA*, Porto Alegre, ano 3, n. 1, p. 9-15, 1995.